

TÉCNICOS DE ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO: TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO MUSICAL

Alexandre Bezerra Viana

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

PPGM – Doutorado em Música

História da Música

SIMPOM: Subárea de Sonologia

Resumo

O tema principal da pesquisa de doutorado é constituído pela formação dos profissionais de estúdio de gravação musical da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Os estudos preliminares mostram como se dá a formação daqueles técnicos e como é possível analisar a relação entre a competência musical e a qualidade das gravações realizadas. Entre os profissionais entrevistados, todos eles afirmaram tocar algum instrumento, mas apenas alguns possuem formação musical formal. Compostos em sua maioria de autodidatas, não se observa uma preocupação na formação formal nem musical nem de áudio. Uma característica bastante forte é o prazer que estes músicos possuem em trabalhar com gravação. Mesmo não precisando deste a profissão para a subsistência, alguns preferem manter ativo o vínculo com o ambiente dos estúdios de gravação e os que dependem deste serviço para sobreviver, buscam através de amigos, revistas e internet uma forma rápida do aprendizado e nas técnicas de gravação. Por não possuir um diploma específico que possa medir o nível desses profissionais, a pesquisa tem observado, até o momento, não ser possível afirmar qual técnico possui melhor qualificação para desempenhar as gravações por eles realizadas.

Palavras-chave: música; estúdios de gravação; educação profissional.

O campo de trabalho para os profissionais de estúdio de gravação musical em Natal, Rio Grande do Norte está em expansão. É o que se observa no exame preliminar de dados coletados sobre o número de estúdios instalados na cidade, a demanda por horas de gravação, a expansão dos negócios nessas empresas, a qualidade dos técnicos que neles atuam e, por fim, a movimentação de alunos no curso de formação instituído pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A Escola de Música oferece curso de formação de técnicos em estúdio de gravação de nível médio, o qual a pesquisa tomou como eixo. A promessa de encontrar uma lógica capaz de relacionar o estudo formal e as iniciativas dos indivíduos em busca de conhecimento técnico conduz o olhar para a Escola de Música da UFRN, onde surgiu a missão de desenvolver competências profissionais de modo formal. O curso nela instituído colocou-a face a face com a realidade dos profissionais de gravação da cidade, mas até o momento de forma muito incipiente.



I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

Os músicos profissionais têm visto as possibilidades de atuação aumentarem progressivamente desde o advento do registro fonográfico há quase um século. Segundo Requião (2010 p. 95), foram criados vários espaços de trabalho com o surgimento da indústria do disco:

“...a profissionalização de cantores (solistas ou dos coros), a participação mais ampla de instrumentistas (de orquestras, bandas e conjuntos em geral), o surgimento de figuras novas (o maestro-arranjador e o diretor artístico), e o aparecimento de fábricas que exigiam capital, técnica e matéria prima.” (REQUIÃO, 2010: 95)

Desenvolvido por Thomas A. Edison, o fonógrafo que inicialmente foi pensado com uma proposta diferente de gravar música, logo serviu como uma ferramenta fantástica para o registro sonoro de músicos e grupos musicais, como atesta Requião (2010 p.92). Logo após a fundação da Casa Edison em 1900 no Rio de Janeiro já se observa uma expansão através das suas filiais em outras cidades do país, difundindo ainda mais os equipamentos específicos de reprodução e gravação de áudio. Naquela época além da Casa Edison, outras também atuavam como espaços de gravação. Eram elas: Casa Faulhaber, a Grand Record Brazil, a Fábrica Popular e a Columbia, como afirma Requião (2010 p.93).

Com a expansão das casas de gravação e o sucesso que faziam os registros, podemos observar o crescente espaço profissional para o técnico de gravação. Esse profissional surgiu pela necessidade de operar os equipamentos utilizados no processo do registro musical. Não há registro na literatura de que esse profissional recebesse qualquer treinamento para realizar tal tarefa. Ainda hoje, a profissão é marcada por forte autodidatismo, como será visto mais adiante.

É de conhecimento geral que as primeiras gravações exigiam do músico uma interpretação impecável, uma vez que as limitações dos equipamentos não possibilitavam edições. Morton, 2002, p. 58, lembra que “a tecnologia de gravação inicial era tão incerta que exigia muita prática e vários “takes” para se obter uma boa gravação.” Mas será que apenas a boa execução do músico era suficiente para que a gravação obtivesse sucesso? A forma como o operador manipulava o equipamento poderia comprometer completamente a qualidade do som. O técnico que conhecia as limitações dos equipamentos e pudesse sugerir alguma adaptação por parte do músico, provavelmente teria mais sucesso. Como as gravações ainda ocorriam por processos mecânicos, qualquer vibração do equipamento poderia comprometer todo o trabalho. Para evitar tais vibrações, os músicos tinham que ter sob controle seus movimentos no palco, mas também poderia exigir certa destreza do técnico em colocar algum sistema de amortecimento no equipamento de gravação. Outra dificuldade muito comum nas primeiras gravações se dava com grupos musicais. Como o som era captado através de um cone, tudo se tornava difícil como afirma Morton, 2002: 59.

“Grupos de músicos tinham que se posicionar próximo ao cone para serem ouvidos, limitando o tamanho das “orquestras” a poucos integrantes e tornando difícil a execução como a virada de páginas de partituras sem que ocorresse um desastre”. (MORTON, 2002: 59)

Com a chegada do sistema de gravação elétrica na década de 1920, alguns dos problemas existentes nas gravações acústicas foram resolvidos. Agora era possível, por exemplo, gravar grupos maiores ou orquestras através da distribuição de microfones no palco evitando assim que os músicos tivessem que ficar próximos ao único cone disponível nos equipamentos prévios. Agora além da necessidade de conhecer detalhadamente o equipamento onde o som seria registrado, o passa a ser fundamental o conhecimento da correta colocação dos microfones frente aos instrumentos. Logo surgiram inúmeros tipos de microfones, cada um com uma característica diferente obrigando ainda mais a necessidade de estar sempre atualizado sobre o equipamento.

Com surgimento dos gravadores de fita, o conhecimento musical do técnico se torna ainda mais importante. Com esses gravadores foi possível começar a fazer cortes e emendas no material gravado criando uma dependência ainda maior do conhecimento musical. Para obter sucesso com essa técnica de colagens, o profissional deve observar com mais atenção as emendas, o que pode requerer dele um conhecimento musical como, por exemplo, a contagem de compassos, métrica musical, dentre outros.

Mas apenas o conhecimento técnico do profissional de gravação talvez não seja suficiente para decidir quando uma gravação ficou perfeita. Em uma de suas primeiras gravações, Edison passou por um problema que mostra que a percepção e sensibilidade aguçadas podem ser fundamentais para decidir sobre a qualidade de uma gravação. Segundo Milner (2010:39), Edison não se satisfazia com uma determinada gravação de uma peça orquestral. Colocou várias vezes para seus pares ouvirem e mesmo ouvindo dos colegas que nada de errado havia com a gravação ele não se convenciu. Após muito tempo de escuta detalhada foi que ele chegou a conclusão: “as chaves da flauta estavam rangindo demais”.

Milner (2010:4) lembra os “tone tests” que eram testes realizados para verificar se o público conseguia distinguir entre o som “ao vivo” do músico e o gravado. Esta iniciativa de Thomas Edison foi realizada pela primeira vez em 1915 e se tornou uma prática comum por pelo menos uma década em vários lugares do mundo. Hoje poderíamos pensar: como é que alguém não poderia perceber alguma diferença? Milner (2010: 14) relata que de acordo com o sociólogo H. Stith Bennett existe um fenômeno chamado “gravação de consciência” que ele define “como nossos ouvidos se adaptam a uma sociedade literalmente conectada aos sons”. Dessa forma, como as pessoas na época dos *tone test* não estavam habituadas a ouvirem gravações, elas não conseguiam diferenciar o som em termos de qualidade. Já nos *tone test* se percebe a importância do operador deter conhecimentos musicais.



Os profissionais de gravação em Natal estão mais voltados para o mercado da música popular em sintonia com o pensamento de DIAS, (2010: 49) que afirma “o universo do mercado de música é, quase que completamente, tomado pela música popular de massa...”.

Técnicos de Estúdios em Natal

Dos dados coletados até o momento, se observa que a grande maioria são músicos e técnicos autodidatas e não há uma preocupação com a formação formal. Em busca de uma resposta rápida nos seus serviços de gravação, abrem mão de uma educação tradicional que pode levar até três anos de duração. A fim de obterem retorno imediato, vão em busca de amigos, revistas e sites especializados e apenas alguns poucos podem pagar um curso de alto valor concentrados normalmente nas grandes cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro. Cursos estes que são ministrados em escolas/estúdios privados com uma estrutura já montada e de difícil possibilidade de adaptação à realidade da cidade de Natal.

O rápido resultado em que exclui uma formação continuada e paciente, ainda hoje parece ser uma prática predominante. Puterman (1994: 42) já tinha observado uma situação semelhante há mais de um século, quando afirmou que “Thomas Edison, Graham Bell, Marconi e outros realizaram seus trabalhos fora das universidades, preocupados essencialmente com a imediata aplicabilidade de suas descobertas e invenções”.

Para Iazzetta (2009: 21), a música sempre esteve mais ligada ao desenvolvimento tecnológico do que outras formas artes. Para ele, o aumento no número dos aparatos tecnológicos envolvidos na música não pode ser visto apenas como uma mudança quantitativa e sim “...como um elemento de transformação fundamental na maneira como lidamos com as coisas ao nosso redor.” (IAZZETTA, 2009: 22). Esta idéia corrobora a importância da devida qualificação tanto do técnico quanto do músico que irá operar os equipamentos envolvidos em uma etapa de gravação e/ou composição musical, por exemplo.

Os atuais equipamentos possuem inúmeras possibilidades de utilização o que nos leva a reconhecer a importância do conhecimento aprofundado dessa nova estrutura tecnológica. E por serem em sua grande maioria equipamentos importados, o domínio na leitura do idioma inglês se faz necessário. Questionados sobre a importância do inglês, um dos entrevistados chegou a afirmar que o conhecimento do inglês é irrelevante para o trabalho que ele desempenha. Essa afirmação nos faz crer que para este profissional não há uma preocupação em confrontar ou até mesmo conhecer trabalhos de técnicos de outros países, pois se deduz que ele não é capaz de ler reportagens, entrevistas ou trabalhos realizados por especialistas de outras nacionalidades.

Com os incríveis recursos dos atuais *softwares* utilizados em gravações, que dentre outras possibilidades, podem ser empregados na redução de ruídos indesejados, compressão dinâmica e mudança de timbres, uma observação nos profissionais dos estúdios de Natal é que a maioria deles acredita que os *softwares* substituem os equipamentos físicos. Ou seja, não mais é preciso investir em equipamentos que além de mais caros, ocupam espaço e vez por outra necessita de manutenção técnica.

Os atuais softwares substituem os equipamentos?

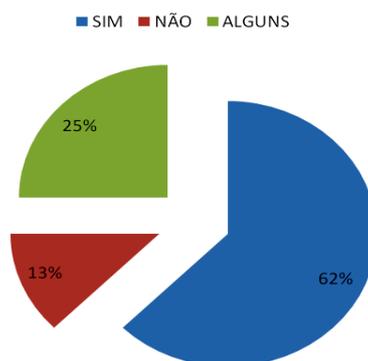


Figura 1.

Com relação à escolaridade dos profissionais até o momento entrevistados, 25% estão cursando ou já concluíram algum programa de pós-graduação, outros 25% não possuem curso superior e 50% já são formados e possuem diploma de curso superior. Mesmo não sendo obrigatório, foi observado que todos eles tocam algum instrumento musical. Metade dos entrevistados se classifica como autodidatas e nunca passaram por uma escola de música enquanto que a outra metade frequentou algum tipo de curso de música.

Escolaridade

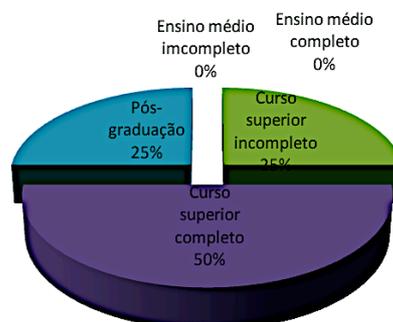


Figura 2. Escolaridade dos técnicos de gravação em Natal

Questionados sobre se já haviam realizado gravações de música ou grupos de música erudita, 50% deles afirmaram ter realizado algum registro dessa categoria musical.

Foi solicitado aos técnicos que listassem em ordem de prioridade o fator que mais contribuía para que uma gravação ficasse com ótima qualidade. Dos entrevistados até o momento, observou-se que 50% acreditam que os músicos a serem gravados são mais importantes do que qualquer coisa. A outra metade dos entrevistados acredita que o técnico do estúdio é que vêm em primeiro lugar, ou seja, mais importante do que os músicos. Em terceiro lugar no fator que determina uma qualidade da gravação, com 75% dos votos, vem os equipamentos e com importância menos significativa. Mas todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que o software que realizará a gravação é o que tem menos importância na qualidade de uma gravação. Esta questão aponta para outra discussão quando se ouve falar de que muitos músicos só aceitam gravar seu disco em um estúdio que trabalhe com *Pro Tools*. Mais adiante será descrito os resultados de uma pesquisa realizada com músicos.

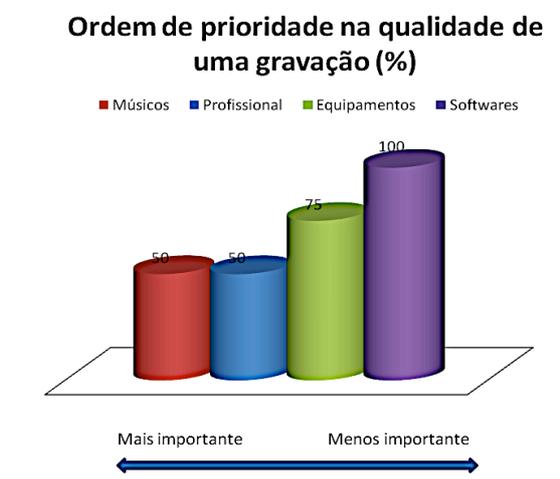


Figura 3.

Conclusões

A pesquisa, ainda em andamento, tem levantado dados significativos sobre a importância de uma formação formal aos técnicos de estúdio de gravação. Após a criação do curso técnico de gravação musical da Escola de Música da UFRN, Natal deu um primeiro passo na tentativa de preencher uma lacuna existente na formação desses profissionais. Existente apenas nos grandes centros comerciais do país, cursos específicos na área de gravação ainda são uma realidade distante para muitos profissionais da cidade de Natal. De natureza privada e, portanto de custos elevados, esses cursos não são a melhor alternativa, que também são cursos com estruturas montadas e fixas não permitindo uma maior interação dos alunos com a estrutura por ele disponível.

Uma grande parte dos interessados por cursos na área de áudio são de músicos que nutrem um desejo de poder, um dia, ter seu próprio estúdio. Com essa estrutura, imaginam serem capazes de concretizar seus próprios projetos musicais aliando a independência de produzirem seus fonogramas sem a pressão de ter que concluir seus trabalhos em um determinado tempo. Produção esta que realizada em estúdios privados são bastante dispendiosas. A cada dia cai o valor necessário para se montar um bom estúdio. Assim, além da perspectiva de realizarem seus próprios trabalhos, esses profissionais vislumbram a possibilidade de se consolidar na profissão conjuntamente com um retorno financeiro razoável.

Referências bibliográficas

DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz. Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

IAZZETTA, Fernando. *Música e mediação tecnológica*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

REQUIÃO, Luciana. *Eis aí a Lapa... Processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa*. São Paulo: Annablume, 2010.

MORTON, David L. Jr. *Sound Recording. The life story of a technology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2004.

MILNER, Greg. *Perfecting sound forever: an aural history of recorded music*. EUA, Faber and Faber, Inc. 2010.

PUTERMAN, Paulo. *Indústria cultural: a agonia de um conceito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

